Universidade de Brasília
Faculdade de Educação - FE
Escola Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – ENDICA / Escola Nacional de Socioeducação - ENS

Análise das trajetórias profissionais de psicólogos que atuam em uma unidade de medida socioeducativa de internação durante a pandemia.

Íris Luciana Silva da Silva

Brasília, 2022

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação - FE
Escola Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – ENDICA / Escola Nacional de Socioeducação - ENS

Análise das trajetórias profissionais de psicólogos que atuam em uma unidade de medida socioeducativa de internação durante a pandemia.

Íris Luciana Silva da Silva

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente.

Orientador: Potyguara Alencar dos Santos.

Brasília, 2022

Íris Luciana Silva da Silva

Análise das trajetórias profissionais de psicólogos que atuam em uma unidade de medida socioeducativa de internação durante a pandemia.

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente.
Orientador: Potyguara Alencar dos Santos.

Aprovado em: 06 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Potyguara Alencar dos Santos.

Membro externo: Profa. Dra. Dayane Silva Rodrigues.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS586a

Silva, Iris Luciana Silva da
Análise das trajetórias profissionais de psicólogos que atuam em uma unidade de medida socioeducativa de internação durante a pandemia. / Iris Luciana Silva da Silva; orientador Potyguara Alencar dos Santos. -- Brasília, 2022.
27 p.

Monografia (Especialização - Garantia dos Direitos e Política de Cuidados à Criança e ao Adolescente) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. . I. Alencar dos Santos, Potyguara , orient. II. Título.

Resumo

O presente trabalho buscou contribuir para a compreensão da atuação do psicólogo em uma unidade de cumprimento de medida socioeducativa de internação no período da pandemia. Quanto ao seu método, ela teve por base uma natureza eminentemente qualitativa, que se concentrou nos conteúdos narrativos colhidos por meio de entrevistas com três psicólogos inseridos em um núcleo de medida socioeducativa de internação no Estado do Amapá. O referencial teórico utilizado foi o de "estudos das trajetórias de vida. Entre os resultados, identificou-se: a alteração na organização de atividades grupais com os socioeducandos para modelos individuais e uma maior utilização de ferramentas tecnológicas para seus atendimentos; maior dificuldade em acessar a rede de serviços, prejudicando o planejamento de seus trabalhos; o sentimento de desamparo institucional quanto à oferta de orientações e capacitações profissionais para ajudar os psicólogos a lidarem com as novas demandas advindas do contexto pandêmico. Por fim, realizou-se algumas proposições de como a instituição pode contribuir para a superação de algumas dificuldades encontradas pelos profissionais entrevistados.

Palavras-chave: socioeducação; atuação profissional; psicólogo; trajetórias de vida; pandemia.

LISTA DE SIGLAS

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
PIA	Plano de Atendimento Individualizado
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CAPSi	Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil

SUMÁRIO

Lista de siglas 2

Introdução 4

Metodologia 8

Levantamento, Análise e Resultado 10

Conclusão 21

Referências 22

Introdução

A medidas socioeducativas se destinam a adolescentes na faixa etária entre os 12 aos 18 anos incompletos, salvo exceções, que praticaram algum ato infracional e estão previstas no Título III, da Lei N° 8.069 de 13 de Julho de 1990, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), tendo sua execução regulamentada pela Lei N° 12.594, de 18 de Janeiro de 2012, que instituiu o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Tais dispositivos têm por objetivo, segundo o ECA, Art. 1º, § 2°:

> I - a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação;
> II - a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento; e
> III - a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei. (BRASIL, 1990).

As medidas socioeducativas podem se dar tanto em meio aberto quanto fechado, e são divididas em seis tipos, a saber: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade e internação em estabelecimento educacional (BRASIL, 1990).

No que tange mais especificamente a internação, ela se caracteriza pela situação de privação de liberdade do adolescente e conforme o ECA (1990), no art. 121 ela está sujeita aos princípios da “brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”. Segundo dados do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e das Medidas Socioeducativas do Conselho Nacional de Justiça (DMF/CJS), o número de adolescentes cumprindo medida de internação por sentença no Brasil em 2018 era de 18.282.

Para fazer uma ponte entre os adolescentes em conflito com a lei, o alcance dos objetivos das medidas socioeducativas e a efetivação de uma política socioeducativa em seu caráter sancionatório, educativo e ressocializador, faz-se necessário uma equipe de profissionais capacitada e comprometida para lidar com este contexto. Entre estes, pode-se citar o trabalho do psicólogo.

De acordo com a cartilha de Referências técnicas para atuação de psicólogos no âmbito das medidas socioeducativas em unidades de internação, produzida pelo Conselho Federal de Psicologia (2010), os pressupostos do trabalho do psicólogo neste contexto se dão pela interdisciplinaridade e integração à equipe técnica do local, de forma colaborativa e respeitando o sigilo expresso no Código de Ética Profissional. O psicólogo deve ainda considerar os processos subjetivos, a dimensão ético-política da garantia de direitos dos adolescentes e não se omitir frente a qualquer situação de violência.

Segundo a cartilha do Conselho Federal de Psicologia (2010), no que tange a proposta de atuação do psicólogo em unidades de internação, as contribuições deste profissional perpassam: a) em relação ao tempo de preparação das atividades: ações mais pontuais que surgem no cotidiano da instituição até ações planejadas previamente como grupos de reflexão com os adolescentes; atendimento individualizado, espaço de escuta e acolhimento, auxílio na elaboração do Plano de Atendimento individualizado (PIA); b) quanto ao público-alvo da sua atuação: tanto os adolescentes, suas famílias quanto apoio aos demais servidores da unidade, na perspectiva de garantir um trabalho em grupo mais coeso e a adoção de práticas democráticas; c) atuação institucional, como ajuda no planejamento do projeto técnico e/ou diagnóstico institucional da unidade, definição do perfil de adolescentes para composição dos núcleos, parceria com programas e serviços externos à unidade (baseando-se no princípio da incompletude institucional); d) produção de documentação do trabalho realizado junto aos adolescentes.

Todas as atividades acima mencionadas constituem a rotina do psicólogo inserido nas unidades de internação. Contudo, com a deflagração da pandemia pelo vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) novas demandas foram surgindo, podendo ter exigido adaptações técnicas e relacionais. É diante dessa possibilidade de

transformação na rotina institucional que se propôs uma pesquisa que trouxesse a seguinte ponderação: como se deu a trajetória profissional dos psicólogos que atuam em unidade de medida socioeducativa de internação durante a pandemia? Como os psicólogos inseridos em unidades socioeducativas de internação adaptaram suas atividades neste período pandêmico? Também se perguntou acerca de como essas adaptações nos fazem observar tanto problemas persistentes, quanto saídas alternativas imanentes ao próprio cenário de seus exercícios profissionais.

Este estudo se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida a partir do relato das experiências de três psicólogos inseridos em um núcleo de medida socioeducativa de internação no Estado do Amapá, desde o início da pandemia até o momento atual. Como instrumento para o recolhimento e sistematização dos dados – que são os próprios conteúdos discursivos dos relatos das experiências dos sujeitos –, foi utilizado o questionário semiestruturado, esse preenchido por meio de entrevistas individuais online.

As experiências relatadas neste trabalho se deram em um Núcleo de Medida Socioeducativa de Internação, no estado do Amapá. A unidade atende adolescentes do sexo masculino, na faixa etária entre 12 aos 18 anos, e, salvo casos excepcionais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), até os 21 anos. Entre os profissionais que compõem as unidades estão: a) monitores e educadores sociais; b) equipe técnica (psicólogas, assistentes sociais, pedagogas, arte-educadoras, nutricionista, sociólogo); c) equipe de apoio (auxiliar de serviços gerais e agente de portaria); d) equipe administrativa; e e) gerência.

A unidade socioeducativa de internação na qual trabalham os profissionais de psicologia foco desta pesquisa fica localizada na capital do estado e recebe adolescentes de todos os municípios deste. Ela consta com salas de atendimento técnico, auditório, sala para realização de atividades de arte e educação, salas da gerência e administrativo, além dos alojamentos dos socioeducandos e de uma escola pública anexada às suas dependências, destinada a atender o público de adolescentes da unidade. A unidade faz parte da Fundação da Criança e do Adolescente do Estado do Amapá, criada pelo Decreto N° 0309 de 18 de dezembro de 1991, e que tem por finalidade

conforme o art. 2, da Lei N.º 1.291, de 05 de janeiro de 2009, “coordenar e executar a política de Promoção, Garantia e Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes em situação de risco pessoal e social, e de adolescentes autores de ato infracional no cumprimento de Medidas Cautelar e Socioeducativas.”

A instituição escolhida para realização desta pesquisa se deu por motivos de conveniência, visto que a autora atua também no sistema socioeducativo e tem abertura para a realização da atividade com os profissionais do local. No que tange ao segmento profissional acompanhado, privilegiou-se a experiência acumulada pelos psicólogos, visto que o sensível caráter intersubjetivo e dialógico que envolvem suas profissões os dispõem entre aqueles que mais tiveram suas atuações afetadas pelas condutas necessárias de distanciamento adotadas para evitar o aumento da disseminação viral.

O objetivo geral do trabalho foi buscar contribuir para a compreensão da atuação profissional do psicólogo em unidades de internação no período da pandemia. Como objetivos específicos, afirmaram-se como metas, ao longo da pesquisa, as propostas de: (i.) detalhar o conjunto das atividades desenvolvidas pelos psicólogos durante o período pandêmico em uma unidade de medida socioeducativa; (ii.) identificar desafios encontrados pelos psicólogos ao longo da pandemia para a realização das suas atividades; (iii.) analisar quais as estratégias e adaptações adotadas pelos psicólogos para a superação e/ou minimização das dificuldades em sua atuação profissional.

Em busca de alcançar tais objetivos – e considerando a notável importância dos psicólogos nas ações de ressocialização e restauração da integridade social, político-legal, psíquica dos indivíduos e o recorte histórico da pandemia –, decidiu-se utilizar neste estudo a fundamentação teórico-metodológica dos chamados “estudos das trajetórias de vida” (GUÉRIOS, 2011). Valorizar o conteúdo das trajetórias pessoais de profissionais pressupõe colocar em relevância o interesse pelas contribuições que esses podem legar em termos de nos fazer compreender perfis institucionais em consolidação, insensibilidades assistenciais produzidas por desequilíbrios técnicos e, claro, a adução de alternativas de requalificação dos seus procedimentos.

Como assinalam os teóricos do campo dos estudos das trajetórias de vida (GUÉRIOS, 2011; BOURDIEU, 1986; BENSA, 1998), o conteúdo biográfico é melhor analisado quando há “um esforço sociológico para situar a trajetória da vida estudada frente às condições concretas de existência a ela subjacentes” (GUÉRIOS, 2011, p. 12). Como ponderado por Pierre Bourdieu, tal asserção leva a pensar aquilo que conceituamos enquanto *trajetória* como uma “série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço em que ele mesmo é submetido a um ‘devir’ e a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1986, p. 71). Além disso, como avalia Bensa (1998), os relatos concentrados pelas trajetórias seriam, assim, tocados por formas entrecortadas de “regimes de memória e de esquecimento”, além de contingências paradigmáticas ou traumáticas. São as trajetórias refletidas que alçam os indivíduos à condição definitiva de pessoas, entes sociais que conseguem significar e destacar suas existências a partir do contraste e das afecções construídas dentro dos seus coletivos de existência.

Metodologia

Definidos o problema de pesquisa e os objetivos deste trabalho, adotou-se como parâmetro de investigação a perspectiva metodológica da escuta das narrativas de vida”, através das quais os sujeitos significam e elaboram sobre as suas trajetórias individuais e coletivas. Nesta metodologia, conforme elucidam Nogueira *et al.* (2017), o pesquisador realiza uma escuta da história de vida do(s) participante(s), fazendo uma transcrição e sistematização analítica do material discursivo, podendo encontrar “os três laços que dialogam no contar da vida: as condições objetivas, as experiências vividas, a maneira como são narradas.” (NOGUEIRA e BARROS *et al*., 2017, p. 482). Por meio da narrativa da história de vida, ainda segundo estes autores, há a possibilidade de encontrar para além de um relato do passado, novas interpretações e construções de sentido sobre o que foi vivido e de como isso se relaciona com o presente e com o futuro.

No que tange o período de vida dos participantes que será investigado, informa-se que como o objetivo desta pesquisa é apenas investigar o âmbito da

trajetória profissional dos indivíduos participantes, preferiu-se o recurso das histórias de vida curta, ao invés de histórias longas. Sobre as diferenças entre estes dois tipos de histórias, Plummer (2001) – revisto e refletido por Ferrazza e Antonello (2017) – entende que:

> [...] histórias longas consistem na essência do método, são reunidas em períodos extensos de pesquisa e fornecem uma investigação detalhada sobre o mundo do indivíduo. As histórias curtas, mais usuais em estudos organizacionais, costumam ser captadas através de entrevistas em profundidade, focadas em aspectos relevantes do que o pesquisador pretende investigar e na comparação com outras histórias (FERRAZZA e ANTONELLO, 2017, p. 24).

Quando se pensa no que a escolha da metodologia do estudo das trajetórias de vida pode facilitar para esta pesquisa, menciona-se: a escuta do relato da trajetória de vida dos psicólogos nos núcleos de medidas socioeducativas de internação, durante o período da pandemia, relacionada à elaboração de reflexões sobre seu processo de ser, fazer e se relacionar socialmente. Ao narrarem suas histórias de vida, os participantes desta pesquisa podem identificar possíveis desafios enfrentados e estratégias singulares desenvolvidas na sua área de atuação, e revelar, inclusive, informações sobre outros agentes sociais que compartilham e co-elaboram o espaço com eles.

Para a realização da escuta dos participantes e coleta de dados, foram organizadas entrevistas individuais semiestruturadas, no formato online, através da plataforma Google Meet, com datas e horários combinados previamente. As entrevistas foram gravadas com a anuência por esrcito dos participantes e tiveram duração aproximada de 25 a 50 minutos cada. Utilizou-se nas entrevistas um questionário para orientar o percurso das narrativas com as questões centrais deste trabalho.

O questionário foi composto por quinze perguntas em formato aberto. Para a elaboração destas perguntas, considerou-se os interesses expressos nos objetivos desta pesquisa, além daqueles comuns ao uso desse instrumental. Como aponta Gil (2008, p. 121), “construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas”. Sendo assim, os questionamentos circundaram: há quanto tempo

o psicólogo trabalha na socioeducação; como se deu o seu caminho profissional até o presente trabalho; se já estava inserido no campo da socioeducação antes da pandemia, quais as diferenças observadas pelo psicólogo entre os dois períodos; e quais as atividades desenvolvidas pelos psicólogos em unidades de medidas socioeducativas de internação durante a pandemia. Também foram indagados se para a realização dessas atividades houve dificuldades. Se sim, como os psicólogos responderam a esses desafios? Que estratégias foram elaboradas para uma melhor atuação profissional neste período? Que elementos da sua trajetória de vida lhe auxiliaram ou dificultaram de atuar profissionalmente nesse local e momento?

Após as entrevistas ocorrerem, foram realizadas as transcrições dos vídeos gravados e, a partir dos textos obtidos, construídas cinco categorias de análise das narrativas dos participantes, baseadas no conteúdo das perguntas do questionário que foi respondido pelos participantes. O resultado dessa análise é apresentado na próxima seção.

No que se refere aos participantes, estes foram três psicólogos, sendo duas mulheres e um homem, lotados em um núcleo de medidas socioeducativas de internação. O quantitativo de participantes se deu considerando os psicólogos presentes na unidade no mês em que a pesquisa foi desenvolvida. Eles foram convidados a participar desta pesquisa por um aplicativo de mensagem, uma vez que a pesquisadora já possuía seus números de telefone.

Em relação aos cuidados éticos desta pesquisa, informa-se que todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes do início das entrevistas, e tiveram seus nomes substituídos por códigos obliterantes de suas identificações pessoais: “participante 1, participante 2 e participante 3”.

Levantamento, Análise e Resultado

No que se refere à importância dos dados obtidos a partir desta pesquisa, e que serão apresentados nesta seção, cita-se a elaboração de reflexões sobre o serviço que foi e vem sendo desempenhado pelos

profissionais de psicologia em um recorte temporal da pandemia, mas também em um sentido prospectivo de como o serviço pode ser desenvolvido e remodelado após este evento. Conforme Coscioni *et al.* (2017, p. 241) é “preciso desenvolver pesquisas que investiguem o cotidiano das unidades, no sentido de extrair elementos que contribuam para as necessárias transformações na prática socioeducativa”.

Os dados deste estudo, pautados pela perspectiva dos estudos das trajetórias de vida, são relevantes para compreender o conhecimento desenvolvido durante as práticas profissionais dos psicólogos entrevistados na pandemia e para identificar conhecimentos prévios construídos na trajetória de vida desses indivíduos que possam ter o auxiliado ou dificultado no seu fazer profissional ao longo deste período pandêmico. Ferrazza e Antonello (2017, p. 23) pontuam que

> [...] A abordagem de história de vida permite levar o escopo de estudo de processos de aprendizagem do âmbito individual para o social, possibilitando não só a compreensão da construção dos aprendizados pelo indivíduo, mas suas relações com o campo organizacional e seu contexto macro (FERRAZZA e ANTONELLO, 2017, p. 23).

Partindo dessas pontuações, informa-se que esta secção será dividida em cinco subtópicos, considerando para sua categorização o questionário utilizado nas entrevistas e as suas respectivas respostas pelos participantes. Os assuntos foram agrupados, primeiro, no que tange o percurso acadêmico dos participantes até sua inserção na socioeducação, logo em seguida abordando mais especificamente quais atividades são desenvolvidas pelos psicólogos na unidade de internação em que trabalham e o relato de mudanças nessas rotinas durante o período de pandemia. Mais à frente serão apresentados os desafios encontrados no seu cotidiano de atuação profissional e do que foi elaborado e desenvolvido para lidar com estes obstáculos. Por fim, discute-se sobre a necessidade de aprimoramento em habilidades demandadas no campo de trabalho da socioeducação no contexto de pandemia, seguido de um breve relato sobre como os psicólogos autoavaliam o desempenho do serviço por ele ofertados.

Percurso Acadêmico E Profissional Até A Inserção Na Socioeducação.

Para a escrita deste tópico foram utilizadas as respostas as seguintes perguntas do questionário: "*Qual sua formação acadêmica? Quanto tempo você tem de graduada (o)?"; "Você trabalha em outro contexto além da socioeducação"; "Há quanto tempo você trabalha na socioeducação?" e "Como se deu o caminho profissional até o trabalho atual?".*

No que tange a trajetória acadêmica dos participantes e suas experiências profissionais, identificou-se que todos já possuem mais de dez anos de formados no curso de psicologia e que este foi o único curso de graduação realizado por eles. Todos os participantes já realizaram especializações e/ou mestrado na área de saúde, avaliação psicológica, socioeducação ou de psicologia organizacional, demonstrando estarem buscando cursos de aprimoramento profissional, quer seja para o seu trabalho na socioeducação ou mais frequentemente para outras áreas.

Quanto sua trajetória profissional, dois psicólogos iniciaram na área de psicologia organizacional, chegando na socioeducação por meio de aprovação em concurso público. Já o outro psicólogo teve várias experiências na área da psicologia social, docência e clínica. Apenas este último já havia trabalhado na área da socioeducação antes do serviço atual.

Atualmente, dois psicólogos trabalham na unidade de internação e como autônomos na área de psicologia (consultoria e clínica), e um psicólogo está inserido apenas no serviço da socioeducação. Um dos participantes relatou desejo em parar de atuar no contexto socioeducativo, mas não explicitou quais fatores influenciaram/influenciam nesta decisão.

Sobre o tempo de serviço na socioeducação, incluindo a inserção em outros tipos de medidas socioeducativas, dois psicólogos têm quinze anos de experiência, enquanto outro psicólogo possui aproximadamente dois anos.

Inicialmente, pode-se perceber que a socioeducação na trajetória de vida dos psicólogos entrevistados surge simultaneamente com a entrada no serviço público, sendo um campo de atuação diferente daquele que eles buscaram após formados. Podendo, assim, representar uma mudança em sua trajetória de vida influenciada pela possibilidade de uma maior estabilidade advinda da aprovação em um concurso público.

Cabe-nos indagar se a escolha por tais “projetos” de carreira profissional e especialização tem a ver com mudanças suscitadas pelos “estoques de conhecimento à mão e interações sócio simbólicas” (SCHUTZ; LUCKMANN, 1973, p. 36, tradução nossa) que envolvem os mundos da vida desses profissionais e o coletivo com o qual eles interacionam no cotidiano institucional. O quanto as instituições nacionais envolvidas com as políticas de promoção dos direitos e das crianças e adolescentes são capazes de amoldar e sensibilizar horizontes de sentido e trajetórias biográfica é o plano de análise que se abre ante os dados apresentados há pouco. Ante o que suscitam, também é possível indicar qual a importância de instituições que sensibilizem trajetórias formativas e técnica para o fortalecimento continuado de uma política pública e de um sistema legal. O quanto o período da pandemia afetou tal cultura institucional da “formação de profissionais em contínuo aperfeiçoamento”, ou, por outra, produziu reafirmações de convicções de papeis profissionais dentro do Núcleo de Medida Socioeducativa de Internação do Estado do Amapá é a questão sobressalente às próprias análises.

Atividades Desenvolvidas Pelos Psicólogos Na Unidade De Internação E Possíveis Mudanças No Contexto De Pandemia.

Para este subtópico foram consideradas as seguintes perguntas do questionário: “*Quais as atividades desenvolvidas pelos psicólogos em unidades de medida socioeducativa de internação durante a pandemia?”* e *“Se o psicólogo já estava inserido no campo da socioeducação antes da pandemia: você observou mudanças na sua atuação profissional entre o período antes e pós-pandemia? Em quais atividades?”.*

Quanto as atividades desenvolvidas pelos psicólogos na unidade de internação, eles mencionaram: acolhimento dos adolescentes; atendimento individual e familiar; elaboração do Plano de Atendimento Individual (PIA); estudo de caso; encaminhamento e acompanhamento em consultas na área da saúde mental, por exemplo, em CAPSi; acompanhamento de atividades pedagógicas; contato com a rede socioeducativa, socioassistencial e rede de saúde; elaboração de documentos relacionados à prática do psicólogo. Ressalta-se ainda que estas práticas correspondem aquelas orientadas na

Cartilha do Conselho Federal de Psicologia (2010) acerca da atuação do psicólogo em medidas socioeducativas de meio fechado e que foram apresentadas na introdução deste trabalho.

Os três psicólogos ao serem perguntados no questionário sobre *"quais atividades desenvolvidas pelos psicólogos em unidades de medida socioeducativa de internação durante a pandemia?"* tiveram falas bem similares quanto aos serviços desenvolvidos por eles na unidade, assim como nas alterações no seu fazer profissional durante este período, sendo estas: mudança em atividades com os socioeducando e suas famílias do formato grupal para o individual, tanto por recomendações de medidas sanitárias quanto pela reforma arquitetônica da unidade; visitas domiciliares mais frequentes, uma vez que antes da pandemia com frequência eram os familiares que vinham até o núcleo de internação; criação e utilização de grupos de WhatsApp para contato entre a equipe técnica; regime de trabalho em escala em alguns períodos da pandemia; utilização de videochamadas enquanto ferramentas para encontro família/socioeducando e família/equipe técnica.

Segundo um dos participantes, o que mais alterou não foram as atividades desenvolvidas pelos psicólogos, mas o cotidiano dos socioeducandos, pois estes, por exemplo, ficaram por determinação de decretos estaduais, sem poder receberem visitas durante momentos de pico da pandemia. Outro entrevistado relatou que as atividades dos psicólogos continuaram as mesmas, porém mais lentificadas, no sentido de conseguir estabelecer contato com a rede e mediar a prestação de serviços para os adolescentes, contudo a participante informa que antes da pandemia isso já acontecia, o que o leva a pensar que "isso não é um problema da pandemia, mas das instituições".

Desafios No Desempenho Profissional Durante A Pandemia.

Para o desenvolvimento deste subtópico foram consideradas as respostas à seguinte pergunta do questionário: *"Para a realização das atividades durante a pandemia houve dificuldades? Quais?"* e *"A comunicação e a relação interpessoal são um dos nossos objetos de atuação enquanto psicólogos, como foi experenciar o distanciamento físico na pandemia? Vocês*

sentiram dificuldades em criar vínculos com os socioeducandos, suas famílias, os outros funcionários?”.

Sobre a ocorrência de dificuldades para realizar suas atividades profissionais no período da pandemia, dois psicólogos citaram a relação com a rede de serviços; por exemplo, no que tange a dificuldade na marcação e realização de uma consulta em serviços de saúde, ou em garantir a escolta policial até o local. Com a pandemia, conforme um dos psicólogos explicou: “os serviços ficaram muito fragilizados [...] pelo adoecimento dos funcionários”.

No que tange a infraestrutura e a disponibilidade de materiais/recursos para realização de suas atividades, os psicólogos disseram que não tiveram problemas de escassez de equipamento de proteção como máscaras, álcool, sendo que um dos entrevistados cita, inclusive, que percebe que a estrutura da unidade e o acesso ao serviço de internet está melhor durante o período de pandemia:

> [...] a estrutura de certa forma melhorou pelo fato da gente está em escala, nós ficamos com salas vagas e dava para fazer um atendimento tranquilo, a gente não tem as condições físicas ideais para fazer atendimento psicológico, mas com o fato de as pessoas atenderem em escala a gente conseguia salas vazias [...] Já tinha internet antes da pandemia, mas não pra esse uso, era uso exclusivo do administrativo e da gerência, os técnicos não tinha acesso à internet, hoje já temos (Participante 3).

Contudo, cabe ressaltar que apesar dos psicólogos relatarem que foram amparados com equipamentos de proteção e com o acesso à recursos de internet, sentiram falta, por exemplo, de suporte da instituição no que tange oportunidades de capacitação profissional para lidarem com essas novas demandas no seu ambiente de trabalho. Tal percepção pode ser ilustrada na fala abaixo:

> [...] Eu senti muita falta dessa capacitação, eu penso que de repente a fundação poderia ter providenciado, viabilizado isso para os servidores, de que forma a gente pode... porque cada um além das preocupações pessoais, tinha a preocupação com o trabalho, e a gente só recebeu, só se sentiu cuidado com o álcool, as luvas, a máscara, mas a gente não teve um retorno da fundação no sentido de ter um curso online específico, por exemplo, cada um teve que fazer por si, como eu procurei individualmente e acredito que outros colegas tenham feito isso, então assim, a gente sente falta desse amparo, desse respaldo (Participante 3).

Esse desamparo explicitado por um dos entrevistados impactou, segundo ele, na insatisfação com o trabalho que vinha sendo oferecido aos adolescentes:

> [...] a gente não via isso, esse amparo, então nesse sentido, eu acabei me sentindo devedora para o público que eu atendo, e por isso eu fui buscar dentro das minhas limitações. Eu penso que a fundação poderia ter ido buscar essa segurança para os servidores além dessa parte mais física, dos recursos materiais [...] a fundação poderia ter dado esse suporte no sentido da capacitação porque também era uma preocupação constante dos servidores “poxa, o que eu posso fazer por esse adolescente? (Participante 3).

Sobre o conteúdo da fala parece ser importante realizar estudos sobre como a compreensão dos trabalhadores de desamparo pode impactar no seu nível de satisfação com o trabalho. Assim como, por exemplo, pode ser relevante que os gestores das instituições possam criar canais mais efetivos de comunicação com seu quadro de funcionários, onde os primeiros citados perguntem o que estes últimos estão necessitando para além de equipamentos de proteção, no caso da pandemia. É importante descobrir o que além de máscaras, luvas e álcool em gel está sendo necessário para que os trabalhos “respirem” em seus ambientes de trabalho.

No que tange as dificuldades no campo da comunicação e das relações interpessoais intensificados pela pandemia, os três psicólogos responderam que quem mais sentiu os impactos foram os socioeducandos, por experenciarem inúmeras perdas em suas rotinas na unidade. Tais perdas e desafios para os socioeducandos são ilustrados em algumas falas a seguir:

> Maior desafio foi na visitação, pois elas ficaram suspensas durante o período mais crítico da pandemia (...) e passaram a ser por videochamadas, os adolescentes passaram a se comunicar com as famílias por videochamadas (Participante 3).

> [...] os adolescentes que ficaram na instituição sentiram muito porque esses adolescentes não tinham visita familiar, tinha um decreto estadual que não permitia as visitas, as vezes tem a questão do recurso, nem sempre a família tem o recurso tecnológico, e nem sempre a gente tinha o equipamento para fazer uma videochamada de qualidade (...) e muitas vezes a gente tem o adolescente que retorna à unidade e eles estavam acostumadas a terem vivências de grupo, tinham uma lógica mais coletiva e voltam na pandemia, com uma coisa que pra eles é positiva que ter um alojamento individual, mas também algumas coisas que não eram positivas pra eles, como não ter a visita familiar, não jogar bolas juntos (Participante 2).

Conforme essas falas dos psicólogos parece haver um consenso entre eles de que mais do que alterações e desafios em sua própria rotina de trabalho decorrentes da pandemia, há uma preocupação com as mudanças no cotidiano dos adolescentes em internação.

Sobre a comunicação e a relação interpessoal com os socioeducandos e suas famílias, um entrevistado apontou que já existia certas dificuldades antes da pandemia, no sentido de que desde que o adolescente chega na unidade, ele já apresenta certa resistência ao atendimento e ao estabelecimento de vínculo. Todavia, com algumas medidas provenientes do contexto de pandemia como distanciamento físico, o uso de máscara, uma maior da ausência das famílias presencialmente na unidade, a criação de vínculo entre psicólogo e o adolescente se tornou mais difícil.

Já outro entrevistado disse que a única diferença percebida nesses quesitos era que pelo uso da máscara a outra pessoa não conseguia ver seu rosto e que, por ter comorbidades, ela tinha muito medo de atender o adolescente e acabar se infectando ou o infectando, ao se sentar do outro lado da sala. Nessas situações, o entrevistado disse que buscando estabelecer o vínculo explicava por meio de conversa informal ao socioeducando sobre sua situação de saúde e que eles compreendiam.

Nesse caso, é interessante destacar as diferenças nas perspectivas dos psicólogos de como comportamentos adotados no período da pandemia parecem ou não influenciar na relação dele com o socioeducando e, mais do que isso, perceber que ao passo que os psicólogos contam sobre suas experiências e práticas de trabalho, eles também falam sobre elementos que permeiam a vivência de outros indivíduos que compartilham esse mesmo espaço. O registro dessas informações é facilitado neste trabalho pelo método do estudo das trajetórias de vida, tal qual aponta Guérios (2011, p. 24), ao dizer que esta ferramenta analítica permite uma alternativa aos olhares que operam com a alternativa entre “indivíduo” e “sociedade”, ao enfocar “simultaneamente – mesmo porque são indissociáveis – o indivíduo e as redes sociais de que ele participa”.

Estratégias Desenvolvidas No Cotidiano Profissional Ao Longo Da Pandemia Para Lidar Com As Dificuldades Identificadas E Influências Da Trajetória De Vida Pessoal Para A Elaboração Destas Estratégias.

Para a escrita deste subtópico, considerou-se as respostas às seguintes perguntas do questionário: *"Se o psicólogo teve dificuldades em sua atuação profissional durante a pandemia deve-se perguntar: você desenvolveu alguma estratégia para lidar com elas? Se sim, quais estratégias?"* e *"Que elementos da sua trajetória de vida lhe auxiliarem ou dificultaram de atuar profissionalmente nesse local e momento histórico?".*

Sobre as estratégias desenvolvidas ao longo da pandemia para auxiliar a lidar com as dificuldades emergentes , um dos participantes relatou algumas medidas que partiram da instituição da qual fazem parte ou de outras instituições que constituem o Sistema de Garantia de Direitos, como, por exemplo, a realização de audiências online e a mudança no formato de visita familiar para videochamadas, no período em que por decreto estadual foram proibidas visitas presenciais; ou ainda, a busca da equipe técnica da unidade para estabelecer parceria com rede de saúde pública, por exemplo, para que um psiquiatra pudesse ir até as unidades para garantir o atendimento aos socioeducandos.

No que diz respeito as estratégias para lidar com a intensificação de demandas de depressão, ideação suicida, luto, um dos participantes citou como estratégia a busca por estudar e se capacitar para trabalhar com tais demandas no contexto socioeducativo e de pandemia.

Sobre a dificuldade de realizar atendimentos presenciais com os socioeducandos, mesmo diante do medo de ser contaminado ou contaminar tais indivíduos, um dos psicólogos relatou que conversava e explicava com o adolescente sobre sua situação de saúde, informando os motivos do distanciamento físico e do porquê precisar manter as cadeiras tão distantes uma das outras.

Já sobre quais elementos da trajetória de vida pessoal dos psicólogos os ajudaram a trabalharem no contexto de pandemia, eles identificaram enquanto relevantes: 1) suas experiências profissionais passadas, como na área clínica, da psicologia organizacional ou especificamente o trabalho com

grupos de adolescentes em situações de vulnerabilidade, que puderam ser espaços de treinamento e aprimoramento para lidar com algumas demandas específicas; 2) leituras não acadêmicas, com o gênero de distopia e que retratavam sociedades onde havia bem delimitado questões de controle social, regulamentação e docilização dos corpos; 3) a própria experiência no contexto socioeducativo, no sentido de experenciarem muitas alterações em sua rotina, mesmo antes da pandemia; e 4) a realização de acompanhamento psicoterápico pelos psicólogos.

Habilidades A Serem Aprimoradas No Fazer Profissional E Autoavaliação De Sua Atuação Profissional Durante A Pandemia.

Neste subtópico buscou-se em primeiro lugar discutir a partir dos relatos das histórias de vida dos participantes se eles identificavam habilidades que deveriam ser aprimoradas no seu fazer profissional com a vivência da pandemia. Este objetivo parte da perspectiva de Nogueira *et al.* (2017), já mencionada outras vezes neste estudo, no que tange a possibilidade de as narrativas facilitarem novas interpretações e construções de sentido sobre o que foi vivido e de como isso se relaciona não só com o passado e presente, mas com o imaginário de futuro. Isto é, existe a possibilidade de que os participantes, ao falarem sobre suas experiências profissionais vividas na pandemia e seus desafios, venham a refletir sobre lacunas em sua atuação e o despertar para buscar formas de se aprimorar profissionalmente e a nível pessoal para lidar com essas dificuldades.

Entre as habilidades que precisam ser aprimoradas, um participante citou a necessidade de aprender mais ferramentas para trabalhar com a temática do luto e enxerga que esse aprendizado poderia auxiliar a responder de forma mais efetiva para com as demandas dos socioeducandos. O segundo participante contou que não recebeu uma capacitação efetiva para melhorar suas intervenções e que conseguiu atuar nesse período colocando em risco sua própria saúde mental, porém este não especificou em quais temáticas/ áreas necessita se aperfeiçoar.

Já o terceiro participante disse que para trabalhar na socioeducação ele não vê necessidade de se aprimorar, uma vez que ele crer que possui a

experiência necessária para intervir mesmo diante dos novos desafios, e que só iria em busca de capacitação se fosse atuar na “linha de frente contra covid”, considerada por ele a área hospitalar. Diante das falas dos três participantes, percebe-se compreensões distintas sobre a necessidade de realizar capacitações e buscar novos conhecimentos para lidar com os impactos da pandemia no contexto socioeducativo.

No que se refere a como os participantes avaliam a qualidade da sua atuação profissional durante a pandemia e as suas satisfações com o que foi desenvolvido, dois entrevistados falaram sobre nunca se sentirem totalmente satisfeitos com o desempenhar de suas atividades e que existe o desejo de querer sempre melhorar, aprimorar seus conhecimentos e dar um retorno mais satisfatório para os adolescentes. Sendo que um destes participantes da pesquisa, explanou sobre problemas à nível institucional influenciando em sua autoavaliação do exercício profissional, conforme o trecho a seguir:

> [...] Eu não teria como falar que a intervenção é ok, quando a rede não é ok, a estrutura não é ok, o equipamento não é ok, a sociedade não é ok, a lógica socioeducativa punitiva não é ok, inclusive na mídia, como um “criadouro” de criminalidade não é ok, então a minha intervenção não é ok, porque ela tá dentro desse contexto [...] então a minha intervenção ela depende disso tudo e eu não consigo fazer, vislumbrar o meu trabalho desatrelado de todas essas lógicas, e se o meu trabalho está vinculado com coisas que ainda precisam muito melhorar, o meu trabalho logicamente ainda precisa muito melhorar, seja por uma prática minha ou não, o trabalho da psicologia é diretamente afetado pela lógica na qual ele se insere, não tem como desvincular (Participante 2).

Pode-se pensar a partir deste excerto sobre como a autoavaliação do trabalho desempenhado pelos psicólogos no contexto socioeducativo pesquisado é influenciado por uma rede de satisfações e trajetórias de outros indivíduos que compartilham o mesmo espaço ou compõe a rede intersetorial, para além de variáveis individuais ou metas internas institucionais. As unidades socioeducativas precisam ser vistas como esse organismo relacional e intersubjetivo – enfim, esse “mundo da vida” (SCHUTZ e LUCKMANN, 1979) – em que a efetividade da política depende da nossa compreensão organicista das partes.

Conclusão

A presente pesquisa se debruçou sobre o estudo das trajetórias profissionais de três psicólogos inseridos em uma unidade de medida socioeducativa de internação durante a pandemia. A escuta dos participantes possibilitou identificar diversos aspectos de seu percurso profissional, antes mesmo de sua inserção na socioeducação até as vivências de desafios e elaboração de estratégias para lidar com estes no novo contexto pandêmico.

No que diz respeito as observações feitas a partir da realização deste estudo, e que têm potencial para contribuir com discussões na área, destaca-se: (i.) a diversidade de atuação dos profissionais no campo do saber da psicologia antes ou durante o contato com a socioeducação e da relevância destas diferentes experiências, no entendimento dos psicólogos, para lidarem com as demandas emergentes no contexto de pandemia nas unidades socioeducativas, como, por exemplo, no trabalho com a temática do luto e do distanciamento físico; (ii.) alteração na organização de atividades grupais com os socioeducandos para modelos individuais e uma maior utilização de ferramentas tecnológicas para o desenvolvimento de seu trabalho, sendo estas apontadas pelos participantes como principais mudanças em sua rotina institucional; (iii.) a identificação pelos psicólogos dos impactos negativos da eclosão da pandemia na rotina dos socioeducandos e uma preocupação de como suas práticas profissionais poderiam contribuir para reduzir um possível contexto de sofrimento; (iv.) o relato dos psicólogos sobre as dificuldades em acessarem a rede de serviços e de como a lentificação desta prejudicou o desempenho de suas atividades laborais.

Ainda sobre a constatações feitas a partir da escuta dos psicólogos registra-se: (v.) a diversidade de sentimentos acerca do amparo institucional que estavam recebendo e possíveis impactos desta no nível de satisfação com o trabalho desempenhado, uma vez que por um lado, eram assegurados equipamentos de proteção contra o SARS-CoV-2, já por outra perspectiva, os profissionais se sentiam desamparados pela instituição quanto à oferta de orientações e capacitações profissionais para lidarem com as novas demandas advindas do contexto pandêmico; (vi.) o relato de diversas estratégias adotadas

tanto à nível institucional e intersetorial, quanto individual, visando superar desafios impostos ou intensificados pelo contexto de pandemia, como, por exemplo, busca por material de estudo e capacitação, realização de audiências e atendimentos familiares online.

Por fim, pode-se fazer algumas proposições na direção de como a instituição pode lidar com alguns obstáculos encontrados nas trajetórias profissionais relatadas neste estudo, tais como: a criação de um canal de comunicação que aproxime mais a gestão dos servidores, podendo assim permitir uma maior identificação de demandas desses indivíduos no que compete o exercício de seu trabalho e possibilitar que estes se sintam ouvidos e importantes para a instituição da qual fazem parte; a adoção de estratégias de cuidado à saúde do trabalhador, como por meio da criação de uma equipe psicossocial para atender toda a equipe de funcionários, visto que ainda estamos em um período de pandemia e que mesmo após o seu término provavelmente ela terá efeitos na saúde dos indivíduos. Pensar essas e outras medidas para melhorar as condições de trabalho destes profissionais é provavelmente também estar cuidando dos indivíduos com quem ele interage, do público-alvo da socioeducação.

Referências

BENSA, A. Da micro-história a uma antropologia crítica. In: REVEL, J. (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 39-76.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral.** São Paulo: FGV, 2006. p. 89-103.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. de 1990. Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 20 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei n° 12.594, 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 jan. de 2012. Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogos no âmbito das medidas socioeducativas em unidades de internação. **Conselho Federal de Psicologia**, 2010. Disponível em: <http://crepop.pol.org.br/wp-content/uploads/2015/09/CREPOP_2010_MedSocioEduc-Internacao.pdf> . Acesso em: 21 dez. 2021.

COSCIONI, V. et al. O cumprimento da medida socioeducativa de internação no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Psico**, v. 48, n. 3, p. 231-242, Set. 2017. DOI. 10.15448//1980-8623.2017.3.24920. Disponível em: < https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/24920 >. Acesso em 10 jan. 2022.

FERRAZZA, D.; ANTONELLO, C. O Método de História de Vida: Contribuições para a Compreensão de Processos de Aprendizagem nas Organizações***.*** **Revista Gestão**, v. 15, n. 1, p. 22-36, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/173934>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GIL, A. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ. Lei I N.º 1.291, de 05 de janeiro de 2009. Dispõe sobre a Fundação da Criança e do Adolescente do Estado do Amapá - FCRIA, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado**, Amapá, AP, 5 jan. de 2009. Disponível em: < http://www.al.ap.gov.br/galeria/100704102720PLO0037_08GEA.pdf>. Acesso em: 20 dez. de 2021.

GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos**, v. 12, n. 1, p. 9-29, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/cam.v12i1.28562>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NOGUEIRA, M. L. M. et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 466-485, Ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 06 Jan. 2022.

SCHÜTZ, A.; LUCKMANN, T. **Las estructuras del mundo de la vida.** Buenos Aires: AMORRORTU, 1973.